



PORTO ACADEMICO

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Administrador:
CORNELIO FOGAÇA GUIMARÃES
REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
Rua Antero de Quental, 213—Porto

Director—A. G. DOS SANTOS NOBRE

AVULSO, \$25 Cent.—TRIMESTRE, Esc. 1.\$50

Editor:
ANTONIO CARVALHO ANDRADE
Comp. e Imp. na Tip. O PRIMEIRO-DE-JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326—Porto

TUNA ACADEMICA DO PORTO

DIA 26 de Abril, manhã cedo. Uma chuva miúdiinha, encantadora, engraçada, viera despedir-se de nós à estação de S. Bento. Sessenta capas negras, aproximadamente, capas negras do Pôrto, circulavam já nas carruagens do comboio.

Cá fóra, a chuva miúdiinha estacionára, para admirar a alegria romântica com que partiam os Estudantes do Pôrto, embriagados, decerto, com o delicioso perfume que se respira nas Regiões da Arte, tão belas como inacessíveis. O comboio parte. Ditos graciosos, a voz da guitarra, canções alegres, as notas do violão, o riso do Dr. Modesto, regente da Tuna, a seriedade cômica do Mendes, as frases compassadas, misteriosas mas necessárias do Moreira da Cunha—o esperançoso conde de Pena d'Águia—Ali, em lugares de primeira o Dr. Marques Gomes e o Dr. Leonardo Coimbra. O ilustre professor da Faculdade de Letras fóra convidado pela Tuna afim de fazer a sua apresentação no Avenida-Teatro de Vizeu.

A VIAGEM

Campanhã-Devezas-Espinho... Aqui houve uma pequena demora. Os estudantes vão tomar um almoço simples,—tão simples que muitos nem pagaram parte do exorbitante preço exigido—e fala-se depois do F. L. que passou a noite em branco só para não perder o comboio, e afinal só o conseguiu agarrar nas Devezas, depois de uma rápida e atribulada viagem de automovel. O comboio parte novamente e vai correndo... alguma coisa. Albergaria-a-Velha... No rosto elegante do M. da C. podem lêr-se projectos sinistros. Alem, um pato, esquecera o seu estado de faminto e tivera a ousadia de levantar o seu bico para essa massa enormissima de sciência que chegava. Ao insulto respondeu o M. da C. com a agilidade dos seus passos. E assim, dentro em pouco, o desditoso palmípede vira-se no ambiente negro de capas negras. «Dêem-lhe de comer», disséra o tribunal. E enquanto o pato comia, o comboio chegava á povoação de Sernada. Ali, naquela casita com janela baixa, três lindas raparigas, atraíram as capas dos estudantes. Durante 25 minutos a casa fóra cercada e o severo tribunal de há pouco, transformára-se num concílio de corações amorosos. O tribunal perdoára o insulto do palmípede e enviára-o para Albergaria num comboio que seguia para cima.

Depois... Linha do Vale-do-Vouga... Belas paisagens, quadros maravilhosos, pontos sublimes onde a nossa alma adormecia. O Vouga, lá em baixo, gracioso, e o sol contente lá no cimo. Então, o comboio corre, corre muito. As pontes curvas já ficaram lá para traz... Os foguetes já se ouvem no ar, compassados e receosos. Emfim... Vizeu.

A RECEPÇÃO

Bastante fria. Mas porque foi assim todos nós o sabemos. O povo de Vizeu tem boa memória e não esquece com facilidade. Por lá, falava-se num outro grupo de estudantes que tinha ido a Vizeu e não agradára. Chegaram mesmo a dizer-nos: *Se vêem para fazer o que os outros fizeram...*

Mas não, Marques Gomes, o homem singular de que falamos no nosso último número, espiava o seu olhar pela onda bem orgulhosa e delicada constituída pelos estudantes do Pôrto.

Na Câmara, muita gente, muitos vivas e muito entusiasmo. Fala o sr. Presidente que duma maneira serena, dá as boas vindas aos visitantes e termina por saudar bem

Estudantes do Porto, briosos académicos: A excursão a Vizeu da nossa Tuna, constituiu um autêntico sucesso para a nossa Academia; alegrai-vos, pois, môços sonhadores.

eloquentemente o Director da Faculdade de Letras. *Fizeram muito bem os estudantes do Porto*, disse, trazendo consigo a figura brilhante do Doutor Leonardo Coimbra.

Depois, fala o filósofo,—o Mes-

plinas percorrendo as ruas da cidade, grangeando aqui dumas mãos branquinhas e pequeninas uma ter-na recordação; ali, dum rosto formoso e divino, um sorriso delicado; mais além uma flor, depois um olhar

cidade de Portugal. Tem lindissimas imagens que êle vai colorindo admiravelmente, fala-nos no verdadeiro papel do educador, isento de ódios e intrigas e fala-nos tambem de Vizeu dizendo:

A Tuna começou, então, a executar os numeros do seu programa. Vejamos, então, o que acerca dela diz o jornal *O Comércio de Vizeu*, de 29 de Abril de 1923:

Magistralmente regida, nunca a qualquer outra ouvimos tais primores de execução, tanta certeza e harmonia, tam impressionantes efeitos. Não são possíveis reparos á execução do programa...

Estas palavras, constituem o nosso maior elogio, tanto mais que Vizeu tem sido visitado por várias Tunas, e tinha-o sido há muito pouco tempo, pela Tuna Académica de Coimbra.

Depois da Tuna, o grupo scênico. Vejamos o que diz o mesmo jornal *O Comércio de Vizeu*, do mesmo dia:

Uma comédia—uma comédia de rapazes—Animaram, fizeram rir, e que mais era preciso?

Finalmente, os académicos do Pôrto ainda convidaram gentilmente no final do espectáculo, as famílias presentes para uma *soirée* no hall, que foi bastante concorrida.

O REGRESSO

No dia seguinte, a cidade perdeu o aspecto frio que tivera na véspera. É que ela estava agora plenamente convencida da maneira brilhante como os estudantes—os estudantes do Porto—se sabem sair das mais difíceis emprêsas.

E sendo tarde já—muito tarde—para novamente começar, o comboio partiu, deixando Vizeu lá no coração de Portugal, com o aspecto delicado duma Madalena Arrependida.

A despedida foi, então, muito mais afectuosa, muito mais entusiástica.

Na estação, os estudantes de Vizeu davam vivas aos Estudantes do Porto, à Fraternidade Académica, à Academia Portuguesa, etc. E nós respondiamos com vivas á Academia de Vizeu, cheios de entusiasmo e saudade. Além, ao fundo da gare, um estudante preto e o seu ilustrado sequito, atraíam as atenções de todos os presentes.

Ele deu as suas ordens e aqueles que as esperavam, imediatamente fizeram um barulho enorme e hilariante. E' que era provocado pelas constantes palmadas que êles davam nos livros de estudo que trouxeram debaixo do braço.

É que o triunfo era já bastante completo. Vizeu recebeu com indiferença, as negras andorinhas, mas chorou depois quando as viu partir.

O senhor Governador Civil de Vizeu, que veio á Estação despedir-se de nós, soube bem traduzir-nos as excelentes impressões que deixamos na cidade.

O comboio partiu e a despedida tomou então um aspecto comovedor. Nas janelas das carruagens do comboio, as nossas capas negras baloiçavam, levando áqueles que ficavam uma prova bem simples mas sincera do nosso reconhecimento. E lá ao longe os lenços agitavam-se, os lábios moviam-se com rapidez e ao nosso ouvido chegava ainda o eco saudoso daquelas frases que sómente se dizem dum alguém que partiu e deixou saudades.

Durante a viagem de regresso ao Porto, muitas e muitas peripécias impossíveis de contar. Muitas e muitas coisas académicas, chegando até a circular o boato de que *O Porto Académico* tinha sido passado em Vizeu pela razoavel quantia de 100 contos.

Vem a propósito dizer que o nosso quinzenário—produto de muito esforço—se não vende por tam pouco...

S. N.

DR. LEONARDO COIMBRA

O ILUSTRE DIRECTOR DA F. DE L. FOI A VIZEU, CONVIDADO PELA TUNA ACADEMICA DO PORTO.

Uma grande amizade nos liga ao Doutor Leonardo Coimbra. Foi êle que com o Doutor Mendes Corrêa, apresentou o Porto Academico aos nossos leitores no nosso primeiro número. Conhecemos muito bem o grande amigo da Academia do Pôrto, e neste momento lhe enviamos sinceramente a nossa admiração e o nosso profundo respeito. Ele acompanhou a nossa Tuna Académica a Vizeu afim de fazer a sua apresentação e esta muito tem a agradecer-lhe. Os jornais daquela cidade não regateiam elogios ao seu vibrante discurso, tam sincero como delicado e expressivo.

Do jornal A Beira de Vizeu recortamos o período que segue das muitas e elogiosas referências que êsse jornal faz ao grande e ilustre professor:

... Vinca em frases impressivas a impossibilidade da matéria em criar uma obra eterna, mostrando-a em lucta

permanente com a morte, sempre por esta vencida, caindo de novo impotente no nada, resurgindo para a Vida, e demonstra que a eternidade só a podemos vislumbrar na função do tempo a obra impercível da raça, obra não egoista, isolada, mortal, mas feita do esforço desinteressado do sacrificio comum, da abdicção da nossa materialidade imperfeita, a obra enfim da eterna mocidade que vive no coração de todos nós, da mocidade que êle vem ali apresentar".

É uma referência a uma linda passagem do discurso do Dr. Leonardo Coimbra, em que o grande Mestre

começava exaltando a obra da mocidade academica num entusiasmo ardente e impetuoso que arrebatou aqueles que o ouviam.

—O retrato que publicamos ofereceu-o o grande Mestre ao Orfeon e Tuna Académica do Porto.



tre fala—*É a primeira vez que vai a Vizeu e não pede elogios. Veio com a mocidade do Porto, com os estudantes da sua Universidade e só para eles deseja as atenções do Povo de Vizeu.*

As suas palavras foram coroadas com a mais estonteadora salva de palmas e no espaço retumbavam os vivas sucessivos ao Doutor Leonardo Coimbra, ao Grande Filósofo, ao Grande Mestre.

Os estudantes começaram, então, na mais admiravel das disci-

e, finalmente, um não se esqueça de me escrever.

E já por toda a cidade se segredava baixinho: *Estes não são como os outros.* Por isso, á noite, no Avenida Teatro, se conseguiu reunir a fina flôr de Vizeu.

O ESPECTÁCULO

Abriu com um entusiastico discurso do Dr. Leonardo Coimbra. Ele apresenta os Estudantes, dignos representantes da melhor mo-

... Partindo das bandas do Mar não sei se caminhei para o centro da minha terra, se mesmo caminhei para o coração da minha Pátria...

Os jornais de Vizeu, dedicam ao grande espirito de Leonardo Coimbra as palavras mais sublimes e mais sinceras. Na realidade o seu belo discurso foi delirantemente aplaudido no palco pelos estudantes da Tuna e na plateia pelo povo de Vizeu.

PERTO DO MAR

Quando, á noite, alta noite já, me recolho ao silencio do meu quarto, eu oiço a voz do Mar, que ao longe brame — voz que chega até mim, numa toada plangente, qual murmúrio de brisa perpassando nas folhas das arvores dum jardim visinho.

Oiço o Mar e, ouvindo-o, tenho saudade de o vêr, sinto o desejo grande de ir para junto dêle, de conversar com êle...

Eu sou um enamorado do Mar!

Quando, ás tardes, olhando-o, vou sentar-me nos rochedos da praia, vendo desapparecer o sol por entre nuvens rubras e doiradas, experimento uma voluptuosidade que me enebria e me faz sonhar.

Julgo-me envolvido pelas suas ondas e tenho a impressão de que uns braços belos, setinosos, de mulher me envolvem e me apertam.

Imagino-me tocado pela sua espuma e sinto a sensação de beijos que, na minha bôca, uma bôca de mulher viesse lançar.

Então fico ali horas, esquecido a conversar com êle, a conversar...

E o Mar é meu amigo, tem confiança em mim, diz-me coisas, faz-me confidencias... Fala-me duma mulher por quem se apaixonou, que todos os dias ia dar á sêde das suas aguas a frescura da sua carne nivea e transparente. Fala-me dela, do grande Amor que lhe consagrou — e um dia, não podendo já por mais tempo suportar o desejo de possuí-la, arrebatou-a, levou-a para sempre, presa no abraço das suas ondas, enlouquecido pela vertigem daquele Amor.

Conversa comigo, diz-me coisas, muitas coisas — a sua vida inteira...

E lá fico, a ouvi-lo, a ouvi-lo!

Conta-me das barcas de azas brancas, que êle embala, dentro das quais, homens de face bronzeada, vão sonhando Amor e carpindo Saudade... Tudo me diz, tudo me confessa.

Por isso eu gosto dête... Eu sou um enamorado do Mar!

E quando, á noite, alta noite já, o silencio do meu quarto é perturbado pela sua voz longinqua que chega até mim, numa toada plangente, peço ás estrelas que brilham, na impossibilidade de ir junto dêle, para que lhe transmitam a minha Saudade, para que lhe digam, na meiguice da ténue luz que espalham, a minha amizade, a minha simpatia.

Peço ás estrelas que lhe digam tudo, porque, olhando-nos, a mim e ao Mar, simultaneamente, podem vêr bem toda a minha Saudade.

Eu adoro o Mar — sou um enamorado do Mar!

E vós, estrelas, dizei-lhe, dizei-lhe tudo, fazei-lhe vêr quanto lhe quero!

Oh, não tenhas receio de o enganar!

Dizei, dizei tudo, dizei sempre!

Contai-lhe que eu, não adorando a vida e aborrecendo o Mundo, seria feliz, imensamente feliz, se um dia, tendo unido ao meu peito um outro peito amigo, me sentisse embalado pelas suas vagas, beijado pela sua espuma, e, enlaçando com os meus braços outros braços, fôsse enfim levado pela Morte ao seio incognito da Beleza — á qual nem sequer faltaria o encantamento mágico do Mar!...

MATEUS DE MACEDO.

A NOSSA FESTA

No dia 7 de Maio, no teatro de S. João, realizou-se a festa de caridade promovida pelo *Porto Académico*, em que tomaram parte actrizes e estudantes.

Foi em beneficio das lindas criancinhas do Asilo de S. João, êsses belos botões de rosa que vão florindo num céu risonho, cheio de fagueiras esperanças. Não queremos falar do brilho com que esta festa decorreu, — diriam que somos vaidosos — mas queremos cumprir a última parte do programa, a mais digna e delicada, a mais justa e merecida.

A Empresa do *Porto Académico* quer agradecer a todos aqueles que nela colaboraram com a bondade dum coração magnifico ou com a sinceridade duma alma generosa. A êsses estudantes, pois, que tanto nos auxiliaram — Mateus de Macedo — Adalberto Mendo — Fernando de Oliveira — Souza Lamy — agradecemos num abraço de velha camaradagem o desinteressado sacrificio que fizeram na ajuda sublime que nos prestaram. Ernesto Brandão e Cicero de Azevedo tocaram lindamente e Viamonte cantou o fado com o puro sentimento da alma dum estudante. E as notas da guitarra, tam serenas e tam doces, bem souberam agradecer aos três briosíssimos académicos a sua valiosissima cooperação, muito acima de todo o nosso reconhecimento.

Para José Taveira que por doença nos faltou, enviamos o nosso veemente desejo de magnificas melhoras.

Ao actor Adriano Guimarães e estudantes Frazão Nazareth e Freitas Ribeiro agradecemos tambem tudo o que nos fizeram.

Ao Rogério de Oliveira, que recitou como ninguém, nem perdemos tempo em agradecimentos; é um estudante com quem se conta sempre.

Não podemos esquecer os nomes illustres das distintas actrizes D. Ortense Luz, D. Adelaide Benard e D. Noemia Pinto, mas nem mesmo assim conseguimos encontrar frases simples, para agradecer.

Quando ao palco três creancinhas do Asilo foram levar três ramos de flores — oferta do *Porto Académico* — Santos Nobre falou desta maneira simples:

Senhoras: aceitai essas pétalas multicolors como premio bem humilde do inenso bem que lhes fizestes. Aceitai-as, que a vossa obra toda cheia de corações é o mais belo triunfo da suprema causa da misericórdia.

Lêde no olhar desses pequeninos a mais eloquente prova duma eterna gratidão e notae no segredar desses tantos corações que vos observam o mais comovedor respeito, profundo e justo, sincero e divino.

E se um dia necessitardes de nós, estudantes, para os vossos rasgos sublimes de benemerencia, não precisais de clamar bem alto pelos nossos nomes. Um gesto vosso é sufficiente. Nós correremos logo á vossa chamada e de joelhos, a vossos pés, acalentaremos a esperanza de bem cumprir os vossos planos de misericórdia.

Senhoras: Aceitai essas pétalas, sem que o arrependimento bafeje o vosso cérebro scintillante. Aceitai-as que nos labios inocentes dessas creancinhas ha-de bailar o vosso nome, enquanto nós, estupefactos, dsante da vossa obra, diremos assim com o coração:

Senhoras: Abençoadas sejais pelo bem que lhes fizestes.

Entre outras criticas ao espectáculo, recebemos a do estudante Martins Ferreira, que é um espirito observador de grande merecimento. Por ser muito ligeira e a peor que recebemos, é que a vamos publicar.

Lindas «toilettes», lindas caras, capas negras e um ambiente em luz.

Pelas 21 horas subiu o pano e começa por se representar a peça de Julio Dantas, 1923.

Alguma expressão, algum movimento, em suma, peça representada por amadores de alto teatro.

O 1923 é lindo, desde que a interpretação seja sentida profundamente.

Tudo que não seja isto, é um pávido reflexo de sentimentalidade e nada mais, grande efeito para dar margem a lágrimas e... suspiros!

A segunda parte, foi preenchida por guitarradas, fados e recitativos. Cicero e Brandão deliciarão a assistência com as suas variações. Santos Nobre, assim como Mateus de Macedo, recitaram sonetos da sua lávra.

Rogério de Oliveira, D. Adelaide Benard e D. Hortense Luz, recitaram lindamente poesias de vários autores.

Viamonte cantou fados sentimentais. Não estava, porém, nas suas horas felizes. Temos ouvido muito melhor de Viamonte.

Foram aplaudidos.

A terceira parte compreendeu a comédia em 2 actos, de Gervásio Lobato, *O Segredo de Vida*.

Peça hilariante, recortada de fina graça, espirituosa e de muito efeito. Santos Nobre representou bem, muito bem até, sentindo-se, todavia, pouca voz. Perry Garcia, bem. Souza Lamy, com geito para a arte de Talma, esconde muitas vezes as mãos atraz das costas, defeito que deve evitar.

Mateus de Macêdo, muito correcto. Adalberto fez bem, porque tem aquela «geiteira» que todos nós lhe conhecemos.

Fernando Oliveira, muito bem, podendo, entretanto, tirar mais efeito. O papel prestava-se...

Ferreira dos Santos compreendeu o seu papel.

Das senhoras D. Adelaide Benard, D. Hortense Luz e D. Noemia Pinto, desnecessario é sugeri-las á nossa humilissima apreciação, porque são artistas de valor.

D. Adelaide foi soberba.

No final de acto todos os interpres foram largamente applaudidos.

A SUPERSTICIOSA

A chuva cai, cantante, em romaria. Lagrimas frias a resvalar pela face do infinito. Como ela canta... Não para, não descança. Como é traquina a chuva desta noite!

Ali, em frente, vejo uma luz coada que atravessa os vidros da janela. Dois vultos serenos, tranquilos, rumorejam.

E' a minha vizinha, a loirita, a namorar. E' pálida como as açucenas, perfumada como as violetas, alegresita como as rosas chãs! Fala muito baixinho. E' anémica. Namóra para

sarar. Ele não sei em que se emprega; é franzino e de côr muito má. Tenho pena deles! Falam mais baixinho que a chuva cantadeira; não os ouço. Em noites de luar, ouço-os rir e fazerem mil juramentos, mil promessas d'Amór! «Tu és a minha mulherzinha, pois não és?» «Oh! para sempre, para todo o sempre». E passam assim a vida! Ela está muito arrelviada. A chuva é impertinente. Ele é franzino e tem uma tosse muito sêca e muito funda! Pode-lhe fazer mal e vai fazer-lhe, certa-

mente. A chuva é viuva, diz ela com um beicinho muito delicado. E é invejosa. Quem sabe se a chuva se está a vingard da sua desgraça, quem sabe?

«Vai embora, amorzinho, vai embora».

E êle foi a tossir, a tossir muito, vergastado pela agua. E eu puz-me a pensar nestas coisas infimas da vida, vendo a chuva caír, cantante, em romaria.

GINA.

A TUA ALMA...

A tua alma de mulher do norte,
Vestiu o corpo duma oriental
E vive contrafeita, faz-lhe mal
A roupa ardente que lhe coube em sorte.

Assim há-de viver, assim a morte
Há-de levar teu corpo triunfal
Onde a carne lutou até final
Com tua alma de mulher do norte.

E quando a podridão te desnudar
Dessa beleza que me faz vibrar
O corpo jovem, num desejo ardente,

A tua alma então arrependida,
Para de-novo regressar á vida,
Procurará o corpo inútilmente.

TITOLIVIO DOS SANTOS MOTA.

FRIORENTO...

O' mãos branquinhas, dum celeste alvor,
E de epiderme divina, macia!...
O' mãos de fada! O' hortos de Magia!
Ninhos de graça, fontes de Dulcor...

O' mãos esbeltas, de ar arruador,
A' criação — solene Aleluia!...
O' mãos que despertais minha alegria
E me endoidais de Amor, de muito Amor!...

O' mãos branquinhas, feitas de luar,
Adotivas de Deus e do Agrado,
Amorosas chaveiras do meu Lar!...

O' mãos, ó mãos, dum ar heleno, esguio:
Acariciai-me o corpo enregelado
Que eu tenho muito frio, muito frio...

A. DA SILVA GOMES.

PANCA-DINHAS

Há dias, no Parlamento, o deputado sr. Cunha Leal recusou o seu voto á proposta do sr. ministro do Comércio, que fixa em 7.500 contos o custo das obras a realizar em Leixões.

Terminou o illustre deputado por afirmar que *os interesses do Porto são de natureza muito restrita*...

Está bem, concordo. Mas olhe lá, ó sr. Cunha Leal! qual era a sua opinião quando há anos passeava pelas ruas desta cidade de *interesses tam restritos*, numa vitória, entre folhas de palmeira, exibindo-se como qualquer momo de feira, a mendigar os votos dos portuenses?...

Aos rapazes!

Recomenda-se a maxima cautela quando se encontrem junto de mestres que estejam fazendo experiências.

Haja em vista o que succedeu no Liceu Feminino onde uma professora (a sr.^a D. B. M.) querendo realizar a banalissima e clássica preparação do hidrogénio, conseguiu, única e exclusivamente, fazer explodir toda aquela droga, que feriu e queimou algumas alunas, uma das quais foi para o hospital bastante ferida.

Pelo visto esta mestra devia dar mais alguma coisa se tratasse de bombas...

Mais uma vez, cautela! não apareça algum *mestre-furioso* que para nos mostrar os gastrocénimos nos córte as carótidas!!!

Há na Câmara Municipal desta cidade, no gabinete da presidência, uma encantadora cabeça de criança, primoroso mármore de Soares dos Reis, que os srs. Camaristas utilizando como cabide, vão encebando com os seus respeitaveis chapéus...

Aos Ex.^{mos} Camaristas, que por certo não sabem distinguir o *cêbo* das suas mercearias, da Arte de Soares dos Reis, pedimos que não queiram privar as gentes de amanhã de poderem admirar aquela maravilha...

Para os artistas, o soberbo mármore que S. Ex.^{as} olham com tanta indiferença, o formoso busto que Soares dos Reis tambem soube arrancar das entranhas do sublime, vale mais e muito mais do que as suas cabeças tam brilhantes de... gordura!...

Rimando...

Antigamente á Universidade era um alfobre de doutores...

Hoje apenas lá se encontram ternos pombos ruladores!... E assim é na verdade! — percorrendo a Universidade, vêmos nos seus corredores, em protestos de amizade, expandindo os seus amores, rapazes nas escadinhas, acompanhados das meninas...

Acabamos de saber que na Federação dos Amigos da Escóla Primária houve uma reunião em que a Academia e a Imprensa Académica foram saudadas acaloradamente. Sabemos tambem que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Queiroz de Magalhães, dignissimo professor da Escóla Normal do Porto, num entusiástico discurso, teve as mais belas palavras para os estudantes de Portugal.

A êste respeito, tencionamos recolher para o nosso próximo número outros informes de mais valór, aos quais juntaremos os nossos agradecimentos sinceros.

ACAJAX

EM VILLA DO CONDE

Manhã de Luz, a rir, foi a de domingo. A estação da Boavista, de capas negras, tinha um aspecto sorridente, batida pelo sol. Dentro, já dentro, na *gare*, silva a máquina do comboio, ataréfada, escaldante, a resmungar em lufadas de fumo. Dez horas e pico... marcha o comboio envolto em gargalhadas, em acenos de capas, em tumulto, em vozeria, em exclamações e vivas, muitos vivas.

Depois de quasi duas horas de caminho, o Ave, manso, namorado pela sedutora Vila do Conde, corre espelhante a caminho do mar que dança, ao longe uma valsa eterna. A estação um pouco adiante é uma pinha de gente. Os foguetes estrelejam já, porque o silvo do comboio foi o aviso de que vamos a chegar. E chegamos...

Vila do Conde, hospedeira fidalga, estava ali toda em coração, para saudar com vivas, com palmas, com flores os estudantes do Porto. Scenas intimas — sabemos lá quantas se passaram! — tiveram aqui o seu epilogo.

Cá fóra, no largo da estação, um cortejo enorme se organizava. À frente, ao vento, bandeiras, estandartes, numa romaria de entusiasmo. Depois, crianças. Nota tocante de uma festa de Amôr, com crianças a ensinar-nos o caminho para o coração da vila.

Vila do Conde acordada, febril, veio beber a primeira côr da manhã nas nossas capas negras, emquanto o Ave, faiscante, corria mansamente!

Pelo caminho, lindas mulheres, tão lindas e frescas como as flores que nos arremessavam, tinham a enfeitar-nos um sorrisinho amoroso e sedutor...

E a manhã ria em alvura, lençol de Luz, tépida, como primeiro dia de Primavera abençoada.

Chuva de pétalas caiu sobre o cortejo enorme, que, de filarmónica à frente, desmantelava de quando em vez o silêncio, pelo impulso de muitas notas agudas e graves... graves e agudas...

E assim, marginando o rio, fomos, em cortejo imenso, cheio de estandartes e bandeiras, até aos Paços do Concelho.

No salão nobre, de pinturas antigas e alegóricas, pequeno, pobre-sinho, fomos recebidos. Fala Clemente Ramos como regente do Orfeon, agradecendo a imponentíssima e fidalga espera.

O presidente da Câmara, numa expressiva alocação, exalta o povo vilacondense e agradece a visita dos estudantes à risonha e encantadora praia.

O regente do Orfeon de Vila do Conde saúda todos os orfeonistas, como *oficiais do mesmo officio*, com palavras calorosas.

A madrinha do Orfeon é lembrada e a romaria de risos e capas negras vai, saúdada numa ovação quente e prolongada!

A filarmónica arranca duas tiradas e mais foguetes estoiram impertinentes, sacos e espaçados...

O sol bate de alto, em cheio, meio dia. A debandada apressa-se e o orfeonista consagrado à arte esprija-se em visitas, longas, rebuscando com os olhos outros olhos...

Sabemos lá que olhos!... Emfim, as fitas e as flores duraram toda a tarde como ofertas gentis das damas aos môcos ansiosos de fitas intermináveis...

Pelas 4 horas da tarde realizou-se no teatro Afonso Sanches a primeira recita. Casa cheia. A apresentação, feita pelo ilustre médico sr. dr. Araújo, foi uma brilhantíssima e inspirada composição poética, que mereceu quer da parte dos orfeonistas quer da parte do público os mais rasgados e espontâneos aplausos.

Em seguida o Orfeon cantou as peças inscritas no programa, sendo aplaudidíssimo e repetido-se o *Vento do Outubro*. Modesto Osório colheu novos triunfos. Aires, o guitarrista já agora consagrado, arrebatou o público.

A revista de Adalberto «A Eterna Cantiga», foi representada com chiste, notando-se todavia, falta de ensaios em alguns dos figurantes. Eram 7 horas quando terminou a recita.

Às 9 horas da noite, começou a segunda recita, que em pouco se modificou, na parte cantante, da primeira. O dr. Araújo, convidado a recitar novamente a sua composição pronunciada de tarde, acedeu, acrescentando, num improviso admirável mais alguns versos de louvôr à Academia do Porto. Como de tarde foi aplaudidíssimo.

A madrinha do Orfeon, após a primeira parte da recita, appareceu em palco, colocando as tradicionais fitas na bandeira. Os estudantes cobriram-na, assim como às gentis meninas que a acompanhavam, com as suas capas, seguindo-as com todas as deferências protocolares. Já passava da meia noite quando terminou o espectáculo.

A noite, luarenta, cálida, permitiu as serenatas de uso em noites de festa...

Às 5 horas da manhã o Orfeon e a Tuna, abalavam para as terras do Porto, com saúdes vibrantes, enternecidas, sem música nem foguetes...

X.

POR ÊSSE MINHO

A nossa Tuna também foi a Viana. Como foi desnecessária a ida de um delegado do «Porto Académico» apenas conseguimos alguns recortes do discurso de Martins Ferreira, habilmente recolhidos por um estudante da Tuna.

Martins Ferreira, comparou o Artista ao sonhador. Assim comparou os estudantes que fazem parte da Tuna aos mestres de musica, aos génios... para pedir benevolencias, ao público, para as execuções da Tuna. Ai vão alguns recortes:

Começa por dizer que é em nome da Tuna que fala, e como é também estudante, lhe pedem se por acaso faz referencias aos seus colegas que não sejam bem merecidas.

«... e que direi eu, sem que uma onda alta do mar infinito de amôr me incline para tratar com carinho todo o bando que vive num gorgear serêno e que vem trazer a sua Arte, que é toda de alma, á gente hospitaleira e fidalga de Viana do Castelo, á princeza encantada pelo Lima feiticeiro, que a namôra num idílio santo.

E nós viemos cá numa romaria grandiosa de sorrisos, com o coração a transbordar amor...

Depois fala do Amôr e da Arte, define Arte e continúa:

«Mas a nossa Arte—tem todas as modalidades de sonho no nosso espirito—mas a nossa Arte não tem expressão divina, perfeita, eterna. Sentimos, mas não traduzimos lealmente o que nos vai n'alma. Eis a nossa imperfeição! Divaga um pouco mais e acrescenta: Vêde: Além, naquele salão enorme, imenso—paraizo de fôrmas—abundam quadros de uma beleza divina, estatuetas, bustos cheios de côr e ritmo de linhas! Daquella massa sem fôrma, de barro, o artista de cultura e de intuição e de alma, génio criador, fez aquella cabeça serenissima de Virgem e aquella cabeça exaltada de Madalena, de sorrir amoroso, de olhos a prescudar o infinito da sua saudade, cabelos jorrantes, impetuosos, folhagens de uma primavêra em luz aberta goadá.

Ao lado, absorvido na expressão e na maravilha da fantasia criadôra, um môco contempla aquêle anceis do barro á perfeição. Ele prescuta todas as linhas, êle segue todas as modalidades até ao ultimo cabelo que o artista levanta e lança sobre o seio da amorosa. E será Ela talvez uma Mariana? Os artistas sentem os artistas, como os poetas sentem e cantam as românticas.

E o môco fita aquêle barro, que representa agora uma grande ou divina amorosa.

E o môco tem coração que vibra, alma que sente!

Abandona aquêle ninho de fôrmas deslumbrantes para sonhar. E sonha aquella divina imagem que adora e que em sons de lira lhe baila no espirito. Busca o barro como o buscou o artista, modela-o por suas mãos e supõe ter levantado o divino busto da mulher com quem sonhou e sonha. Ele vê no busto a perfeição e aquêle barro não é mais do que a fôrma incorrecta de uma fisionomia estranha e indistinta. Era só artista de alma, vindo em tudo o tudo que sonhara. Não tinhamos sentimento para compreender a sua obra. A sua obra é precisamente a nossa. E a nossa obra é toda de almas, porque para a esculpir faltam-nos a cultura e o génio do artista... e a perfeição, essa reside sómente no génio criador com todos os requintes de ritmo e de fôrma.

Somos o môco seduzido a levantar o nosso busto espiritual em sons, que se perde indistintamente...

Divaga um pouco mais, mostrando a relação que existe entre o artista verdadeiro e o pretensio artista, e diz:

«Não somos nós os culpados da nossa imperfeição, como a pomba não tem culpa de saber voar.

Gentis senhoras, môças lindas de Portugal,—oh! o espirito feminino é sempre mais delicado para a observação artistica—perdoai, perdoai a nossa imperfeição.

E' um sonho inteiramente de Amôr onde vicejam os vossos sorrisos, como mais dura e impetuosa critica á nossa Arte!

SUBSCRIÇÃO

ABERTA PELO «PORTO ACADEMICO» PARA A COMPRA DE UM OBJECTO DE ARTE A OFERECER AO DR. M. GOMES

Transporte	€4750
Associação dos Estudantes do Porto	5000
Evelho Lima	3600
Alcibades Pereira	5000
Joaquim Monteiro do Amaral	5000
Joaquim Pinto Nunes	5000
Mário Pinto	5000
João Araújo de Freitas	5000
João Pereira Braga	5000
Joaquim Costa	5000
Raul Delerue	5000
Manuel Silva Leal	5000
Mário Delgado	5000
José Campos	5000
Mário de Figueiredo	5000
Joaquim Pinto Moreira	2850
Augusto Alberto Rocha	2850
Antonio D. Teixeira da Silva	2850
Alberto Barbedo	2850
Ilídio Freitas	2850
Rodério Vaz Cabral	2850
Antonio da Costa Pinto	2850
Heitor Miranda	2850
Antonio Campos	2850
José Joaquim Lopes	2850
Antonio Pereira	2850
Joaquim Lemos Sá	2850
Julião Valente dos Anjos	2850
Manuel Ribeiro Reis	2850
Tomaz Pêlao	2850
Carlos Meireles	2850
Arnaldo Pinto Barbosa	2850
Vitorino Rico	2850
Manuel Gomes dos Santos	2850
Amandio Castro	2850
Total	71250

AO ARTISTA

ÁLVARO MARTINS—Recebemos inmensas cartas de felicitação pelo nosso último número em que era notada principalmente a perfeição com que apresentamos os nossos clichés. Se tais apreciações nos honram bastante, nós não podemos deixar de agradecer ao Sr. Álvaro Martins—reporter fotográfico de «O Primeiro de Janeiro»—que muito nos tem auxiliado dedicando aos clichés que publicamos todo o seu enormissimo temperamento de Artista.

AMÉRICO MONTEIRO SOARES

E' com pezar enormissimo que escrevemos estas palavras. Monteiro Soares, membro da Empresa do «Porto Académico» é um grande amigo do nosso quinquenário, e por isso muito admirado e querido. O menor desgosto que o avassale, conssegue também perturbar-nos em demasia. Assim se pode compreender a nossa dôr, quando tivemos conhecimento da morte da extremosa mãe do nosso grande amigo a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Amélia Monteiro Soares.

Nos funerais a Empresa do *Porto Académico* foi representada pelos estudantes Fogaça Guimarães, Antonio Andrade e Jorge Viana que foram interpretes da nossa profunda máguia, junto do nosso colega Monteiro Soares.

Sufragando a alma da mãe do nosso queridissimo amigo, enviamos ao *Primeiro de Janeiro*, para os seus pobres, a quantia de 20 escudos.

O nosso desgosto foi bem enorme, porque a dôr de Américo Monteiro Soares é também a nossa.

EXPLICAÇÃO

DE ALGUMAS GRALHAS QUE SAIRAM NO ULTIMO NUMERO E QUE OS LEITORES DECERTO NOS DESCULPAM

ERRATAS—No ultimo numero o artigo de Santos Nobre — «O sino do Campanario» — saiu com bastantes gralhas e mesmo alguns erros de concordancia, devido ao nosso director ter seguido para Vizeu a acompanhar a Tuna Academica do Porto como delegado do nosso jornal.

Que nos desculpem os nossos leitores, visto que Santos Nobre já nos desculpou.

Tambem no soneto — «Por esse mundo» — saiu um verso errado «Só a maldade escondendo emfim em vez de — «Só a maldade simulando emfim». — Que nos desculpe o nosso amigo e colaborador A.É. Essienne, mas que não volte a mandar rascunhos.

No nosso numero 12 no artigo «Nove de Abril» do dr. Hernani Cidade, saíram tambem as gralhas seguintes: «um novo milenario» — em vez de «um sono milenario» — «Os soldados de Hindenburgo haviam sido quasi todos feridos ou mortos...» — em vez de «Os soldados de Hindenburgo, os feridos ou mortos haviam sido...»

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Hernani Cidade apresentamos as nossas desculpas.

DA EMPRESA

PORTO ACADEMICO—Com grande máguia nossa o estudante Perry Garcia viu-se obrigado a pedir a demissão de Redactor do nosso quinquenário, cargo que vinha desempenhando com bastante brilho e entusiasmo.

Dai a mudança que os leitores verão no cabeçalho deste numero. O cargo de redactor fica ao cuidado de Santos Nobre, ajudado pelos restantes membros da Empresa que já o começaram a exercer na elaboração deste numero.

UMA NOVA DIRECCÃO

Quasi que no meio de um grande silencio realizaram-se as eleições da Direcção Administrativa do Orfeon Académico do Porto. Sem avisos nos jornaes diarios, sem os numerosos convites que é costume espalhar pelas Faculdades, sem uma pequenina alusão do nosso quinquenário — pois que foram realizadas dum momento para o outro — elas foram por estes motivos muitissimo pouco concorridas. Choveram varios protestos e houve até quem dissesse que elas foram ilegais. O Dr. Marques Gomes tem estado doente, e nós aguardamos com impaciencia as suas melhoras, não só pela estreita amizade que lhe dedicamos mas tambem porque sabemos — e disso temos a certeza — ele hade pôr termo a tudo quando em volta do nome do Orfeon ha tempos vem sucedendo.

Entraram na urna 60 listas — que miseria — e o Dr. Marques Gomes teve 58 votos para a Presidencia. A seguir, os mais votados foram Braga Rial e Paes de Aguiar, academicos briosissimos de inexecutáveis qualidades de trabalho, já pertenciam á outra Direcção e por isso deles teremos muitissimo a esperar. Silva Leal, tesoureiro da Associação dos Estudantes do Porto — cargo que tem desempenhado com um brilho incalculavel, foi tambem um dos votados. Espregueira Mendes é um moço que provou o seu entusiasmo singular durante a ultima visita a Viana da Tuna Academica do Porto. Merece na realidade um lugar de destaque, para melhor evidenciar o seu cultivado espirito de estudante e academico. Jorge Vieira de Araujo; um dos eleitos, foi o estudante que fez com que estas eleições se realizassem. Ele e Luiz Santos, procuraram o Dr. Marques Gomes, falaram-lhe nas eleições, e elas fizeram-se. No entanto devemos dizer que a sua vontade talvez não seja completamente realizada visto que se pensa em anular as eleições, dando-as como ilegais. Nestas eleições ou melhor nestas pseudo-eleições, o nome de José Branco foi completamente esauccido. Que os orfeonistas saibam que José Branco é um rapaz de enormissimo valor, um incansavel apostolo da causa que defende. Se tem defeitos, — quem ha que os não tenha — as suas boas qualidades são tantas e tantas que esses defeitos se dissolvem completamente nessas grandes qualidades. Martins Ferreira, um dos fundadores do Orfeon Académico do Porto; teve alguns votos mas não foi eleito. Temos então um elemento de tanto valor na triste situação de estranho á obra que fundou á custa de tantos sacrificios. O tempo virá dizer-nos que Martins Ferreira era indispensavel e por isso ficaremos hoje por aqui, com a esperanza de que Marques Gomes saberá tudo remediar e de que todos os orfeonistas saberão fazer justiça, cumprindo o seu dever.

Ao acabar de escrever este artigo, recebemos uma carta do estudante Martins Ferreira, dirigida ao Doutor Marques Gomes, com pedido de publicação. Por isso, no proximo numero, os nossos leitores, especialmente aqueles que pertencem ao Orfeon Académico do Porto, verão a sinceridade com que fala Martins Ferreira, e decerto farão inteira justiça.

S.

NOTA — Martins Ferreira acompanhou tambem a Tuna Académica do Porto, a Viana, a fim de fazer a sua apresentação, num momento em que as eleições, de que falamos acima, se tinham realizado. Martins Ferreira conhecendo o resultado destas eleições, foi prestar mais esse serviço á nossa Tuna, talvez, quem sabe, para não dizerem que ficara despeitado.

Um dia que um novo caso destes se apresente quem irá resolvê-lo com o entusiasmo verdadeiramente académico de Martins Ferreira?

**Gazolina
Petroleo
Oleos de lubrificação
e
Combustiveis**

"SHELL"

The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Ltd.
Lisboa, Pôrto, Figueira da Foz, Viana do Castelo
Depositaris em todo o Paiz

As melhores sobremesas são
as FRUCTAS SECAS e DOCES da
CASA FAVORITA
DE JOSÉ L. MARQUES DA GUNHA
70, RUA DA FABRICA, 72

LIVRARIA DE Fernando Machado & C.ª, L.ª
Rua das Carmelitas, 15 — PORTO
Compra e vende toda a qualidade de livros novos e usados.
Obras nacionais e estrangeiras

O RETROZEIRO
ANTONIO THIAGO PEREIRA

398, Rua Fernandes Thomaz, 397-A

Artigos de Modas e Miudezas, Pelerines, Regalos em peles de varias qualidades. Sempre um grande e variado sortido da sua especialidade.

Retrozes, meias, peugas, lenços, perfumarias, sedas, panos brancos, tules, rendas e

Artigos para Bordar

ARMAZEM DE MODAS

Confecção de chapéus para senhora. Os melhores modelos de Paris



Casa Natividade

DE

JOÃO BAPTISTA DAS NEVES

Telefone, 362

111, R. de Cedofeita, 115---PORTO

Esta casa abriu a estação de verão no dia 25 de Abril tendo permanentemente expostos os chapéus de mais fino gosto, para senhora e criança

A LUZITANA

REGISTADA

Grande Armazem de Viveres
:: Confeitaria e Pastelaria ::

Veloso, Dias & Castro, L.ª

Rua Formosa, 339 — PORTO

TELEFONE, 878

Sortido completo em todos os generos de merceria, vinhos finos, champagne, licores nacionais e estrangeiros. Unico deposito no Porto do famoso Pão de Ló de Margaride.

Especialidade em Generos
do Brazil, Chá e Café

CARTEIRAS

De pinho de Flandres, proprias para colegio, vendem-se em bom estado de conservação. Para vêr e tratar na Associação dos Estudantes do Pôrto, rua S. Bento da Victoria, 10-1.º

Preferi o calçado
da **Portugal, Ltd.**
Deposito n.º 1
R. 31 de Janeiro — Porto

**GRANDES ARMAZENS
Montes Herminios**

461, Rua Fernandes Thomaz — PORTO

FAZENDAS DE Lã. FAZENDAS DE ALGODÃO.

MALHAS. MODAS E CONFECÇÕES.

Preços que desafiam toda a concorrência.

**CAMISARIA
OLIVEIRA**

157, PRAÇA DA LIBERDADE, 16
PORTO

Endereço telegráfico.
PORVIR

Telefone numero 625

Manuel Caetano de Oliveira & C.ª Limitada

FOTOGRAFIA GUEDES

A mais premiada
A mais preferida

346-R. Santa Catarina, 356

PORTO

CASA CARIOCA

Armazem de Secos e Molhados

(ANTIGA MERCEARIA FUNDADA EM 1818)

Mendes Guimarães & Irmão

IMPORTADORES DE FUMOS E DE GENEROS DE TODOS OS ESTADOS DO BRAZIL:

Carne seca, linguas do Rio Grande, camarão seco, pimentinhos, farinha Suruy, Matte, ARROZ IGUAPE, cangica, araruta, sagú, polvilho, fubá mimoso, tapioca do Pará, farinha d'agua, piraruci, tucupy, azeite dendê, café Minas, Moka e todas as frutas: goiabada, rapadura, mariola de capote, abacaxi, caju, côco, manga, tamarinho, bananado, caju cristalizado, etc.

PARATY ESPECIAL marca "Pretinha", e LARANJINHA marca "Avenida Central", (registadas)

REPUTADAS MARCAS E EXCLUSIVAS DESTA CASA

Comissões — consignações

Vinhos finos, Cognacs, Licores e Champagnes

Grosso e varejo

474, RUA DO BOMJARDIM, 478 — Porto

Telegramas PRETINHA: — Usa-se o Codigo Ribeiro — Telefone, 152º

A ROYAL-FOTO

é o mais artistico atelier do Porto e a que melhores esboços apresenta. 1 dúzia de bilhetes postais artisticos, 15000 — 6 retratos carteira (novidade), 10x90 — 1 ampliação, grande form. 21 centim. 22x90 R. DO BOMJARDIM, 268 — (Em frente aos Bombeiros Voluntarios)

Estudantes:

Compre os vossos compendios na Companhia Portuguesa Editora, pois é a casa que tem o maior sortido em livros escolares adotados para os cursos de instrução primária, secundária e ensino superior. Completo sortido de papelaria e material escolar.

Companhia Portuguesa Editora — (Sucursal) — R. do Alameda, 123 — PORTO

Companhia Funeraria e Decorativa Portuense

SOC. ANON. DE RESP. LTD.

Rua de Santa Catarina, 432 a 438 — Telef. 995

AGENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ

Unica no genero em Portugal. Encarrega-se de funeraes, desde os mais simples aos de maior sumptuosidade; Trasladações; Decorações de gala, em Egrejas, Teatros e outros recintos.